

Júlia M. Casulari Motta

Psicóloga, psicodramatista, professora
supervisora pela Febrap / IPPGC, doutora em
Saúde Coletiva pela Unicamp

Maria Ester R. Esteves

Psicóloga, especialista em Psicologia
Clínica pela PUC-Campinas, psicodramatista
didata e supervisora pela Febrap/IPPGC

Luís Falivene Alves

Psiquiatra ABP, psicodramatista,
supervisor didata pela Febrap/IPPGC

PSICODRAMA PÚBLICO: UM PROJETO SOCIAL EM CAMPINAS

RESUMO

Este artigo origina-se da experiência dos autores na constituição de um espaço público para a ressonância de temas psicossociais, desenvolvido em Campinas desde fevereiro de 2010, com encontros mensais. Busca-se uma compreensão do que é 'psicodrama público', quando e para quê utilizá-lo.

PALAVRAS-CHAVE

Psicodrama público, intersubjetividades, coinconsciente, coconsciente.

ABSTRACT

This article is the result of the authors' experience with setting up a public space where psycho-social themes can reverberate, a space that has been developed in Campinas since February 2010, with monthly meetings. We try to explore what is 'public psychodrama', and when and for whom to use it.

KEYWORDS

Public psychodrama; inter-subjectivity; co-unconscious; co-conscious

FRAGMENTOS DE HISTÓRIA

É possível dizer-se que a vida de J. L. Moreno foi uma sequência de vivências e experiências que o preparou para a descoberta/ criação do que chamamos Psicodrama público. Destes atos públicos nasceu sua obra terapêutica, ao delimitar plateia e objetivos, focando temas, criando mé-

tudo e metodologias e, como um expoente de originalidade da sua obra, a descoberta da possibilidade de uma ação dramática representativa das intersubjetividades através de um ator protagonista.

Dos jardins de Viena e suas crianças às ruas da cidade com seus dramas sociais, passando pela busca da inclusão social para si e as minorias da época – sem nos esquecermos da chamada “primeira sessão de psicodrama”, em abril de 1921 –, o jovem Moreno ansiava por marcar a história com contribuições originais ao desenvolvimento da consciência social, o que certamente abriria espaço para a participação da população nas decisões que afetavam seu destino.

Da Europa para os Estados Unidos, de lá para América do Sul, este método e estas metodologias vêm sendo revistas, recriadas, reproduzidas, desconstruídas e reconstruídas, num incessante movimento de busca por novas formas de andar na vida.

No Brasil, já na década de 40-50, o sociólogo baiano Guerreiro Ramos, radicado na então capital nacional, Rio de Janeiro, utilizou metodologia sociopsicodramática para trabalhar questões étnicas, mais especificamente questões da negritude, conflitos no trabalho e falta de trabalho. A intervenção deste profissional teve como tema central a inclusão social de brasileiros descendentes de negros libertos, negros analfabetos, desprovidos de condições de profissionalização num país ansioso por ser “moderno” (Motta, 2008).

A partir deste trabalho pioneiro com sociodramas, axiodramas e psicodramas públicos no Teatro Experimental do Negro (TEN), no Rio de Janeiro, a proposta moreniana passou, no Brasil, por um período de esquecimento, até que, na década de 1960, reapareceu de várias formas.

Notável foi, durante o V Congresso Latino-Americano de Psicoterapia de Grupo (1967), a ocorrência de um psicodrama público dirigido por Rojas Bermúdez, que causou grande impacto entre os presentes e redundou, em fevereiro de 1968, na organização dos primeiros grupos de formação em psicodrama. (Cesarino, A. C., *in* Castello de Almeida, 1999).

Em 1970, o chamado Congresso do Masp (Cepeda e Martin, 2010), pelo seu valor histórico como evento durante a ditadura militar, é considerado um marco do psicodrama no Brasil.

Também pioneiro podemos considerar o psicodrama das “Diretas já!”, em abril de 1984, em frente à Câmara Municipal de São Paulo, dirigido por Regina Fourneaut Monteiro, do qual participaram cerca de seiscentas pessoas. Este pode ser considerado o primeiro psicodrama público brasileiro, depois das experiências de Guerreiro Ramos, no Rio de Janeiro.

Em meados da década de 1980, dezenas de psicodramas públicos com temas sociais foram realizados na cidade de São Paulo, segundo relatam Ronaldo Pamplona e Carlos Borba, que os gravaram (Motta, 2008). Da mesma forma, muitos dos Congressos Brasileiros de Psicodrama ofereciam atividades chamadas ‘psicodrama público’ - no caso, eram abertas a toda a população de congressistas. Várias entidades, provavelmente em muitas cidades brasileiras, passaram a promover psicodramas abertos como atividade regular (caso do Daimon, em São Paulo, 1984), ou como evento esporádico. Em Campinas também fizemos alguns.

Em 1990, outro marco: em palco montado na Praça da Sé, em São Paulo, a realização de um psicodrama público a céu aberto, em comemoração ao Dia da Luta Antimanicomial, com direção de Regina F. Monteiro e participação de equipe de psicodramatistas.

Vale assinalar que os congressos brasileiros de psicodrama, gradativamente, foram espelhando esse movimento de ir até a comunidade. Em Campos do Jordão (1998), pela primeira vez foi realizada uma atividade externa ao espaço do congresso, com participação da comunidade: em uma escola, com direção de Ana Maria Zampieri. O movimento cresceu e resultou na incorporação das atividades “Comunidade em cena”, que vêm fazendo parte de nossos congressos nos anos 2000.

Em março de 2001, a partir de convite da prefeita Marta Suplicy e pela articulação da psicodramatista Marisa Greeb, cerca de 150 eventos psicodramáticos foram realizados simultaneamente na cidade de São Paulo, com a denominação de “Psicodrama da cidade”. O IPPGC compareceu com vários profissionais, constituindo unidades funcionais na direção de alguns desses eventos.

Outro acontecimento marcante foi a série de psicodramas públicos concomitantes em 12 de outubro de 2002, no movimento intitulado “Escenas de los pueblos”, que pretendeu mobilizar toda a América no aniversário de seu descobrimento. (Ver relato em publicação da Universidad Autonoma de Mexico, 2004). Em Campinas, uma equipe do IPPGC realizou um psicodrama público com o tema “Que país queremos”, no pátio do Campus II da PUC-Campinas.

Como atividade permanente, é importante destacar as sessões abertas realizadas todos os sábados no Centro Cultural São Paulo – CCSP. Iniciado em agosto de 2003 com a coordenação de Antonio Carlos Cesarino e Cida Davoli, este projeto é hoje uma referência em psicodrama público.

Reunimos estes fragmentos como parte de nossa história próxima, a história do psicodrama público para o IPPGC, aquilo que, em parte, nos constituiu, nesta jornada em direção ao projeto social objeto deste artigo.

O PROJETO “JORNAL VIVO: TEATRO DA VIDA”: PSICODRAMA PÚBLICO

O Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas (IPPGC) é uma das escolas pioneiras no ensino e divulgação do psicodrama no Brasil. Nasceu simultaneamente à criação da Febrap, em 1976. Tem se notabilizado no ensino do psicodrama e registra trinta e sete turmas de formação de psicodramatistas.

Durante sua história, várias tentativas foram feitas com objetivo de plantar no social um espaço de cidadania, sempre fundamentadas nas ideias morenianas e utilizando a metodologia psicodramática, mantendo-se por tempos variáveis.

Desta vez, no final de 2009, uma comissão, formada pelos autores deste artigo, reuniu-se com a diretoria da ACI – Associação Campineira de Imprensa - para discutir a possibilidade de parceria em um projeto social. Por esta parceria, a ACI nos cede o espaço de seu auditório, localizado na

zona central da cidade, para a realização de um trabalho sociopsicodramático mensal, gratuito e aberto ao público. A denominação “Jornal Vivo – Teatro da Vida” tenta contemplar a parceria com esse órgão ligado à imprensa. Na prática, temo-nos referido a ele como “psicodrama público”.

Por que consideramos este trabalho um psicodrama público? Que características nos permitem nomeá-lo como tal?

Procurando definir aqui ‘psicodrama público’, podemos inicialmente afirmar que se trata de uma das modalidades sociátricas, fundamentada na teoria socionômica e utilizando-se de seu método e suas técnicas, a ser vivenciada por **médios e grandes grupos** como **ato único** – sem a necessidade de uma sequência processual – e **oferecida a um público aberto**.

O contexto grupal a ser criado é sociopsicodramático, já que envolve o individual e o coletivo, o intra e o interpéssico, o relacional interno e o externo. Mas, da mesma forma que, por um processo de metonímia, a parte (psicodrama) passou a denominar o todo (socionomia), assim também utilizamos o termo psicodrama para designar as várias modalidades de atos sociátricos: psicodrama, sociodrama, teatro espontâneo, jornal vivo, axiodrama, *playback*, teatro de criação, teatro de reprise, teatro debate, dentre outros.

Um psicodrama público pode se realizar em um espaço aberto (praça, jardim) ou fechado (salão, auditório). O público pode ser convidado previamente ou ser arregimentado pouco antes e durante o evento. Quando em ambientes fechados pode-se predeterminar a possibilidade ou não da entrada de novos participantes após iniciada a atividade. O quórum mínimo e máximo para o seu desenvolvimento fica a critério da direção, mas, sempre que possível, as decisões são tomadas juntamente com o grupo. Quando em praças, jardins e outros espaços abertos, pode-se começar com apenas alguns participantes servindo como atração para outros frequentadores do local.

A direção, às vezes, é feita por uma equipe de um diretor e alguns egos-auxiliares, ou por vários diretores que se revezam, ou por um diretor contando com egos-auxiliares escolhidos ou surgidos durante a vivência. Respeitam-se as várias etapas que caracterizam um ato psicodramático. Após a recepção e acolhimento aos participantes e devidas apresentações e esclarecimentos sobre a finalidade e o *modus operandi* do trabalho a ser realizado, seguem-se os aquecimentos devidos e necessários para se atingir a grupalização e um estado espontâneo no qual as encenações e dramatizações possam fluir como protagonização do grupo presente. Espera-se que a finalização seja sempre precedida pelo compartilhar do público.

Esta tem sido nossa prática, no projeto “Jornal Vivo: Teatro da Vida”. Através de convites a diversos psicodramatistas – na maior parte afiliados ao IPPGC - lançamos mão de toda essa variedade abrigada sob a dimensão maior ‘psicodrama público’, sempre com o intuito de propiciar aos participantes um conhecimento vivencial do psicodrama e uma aproximação emocional e reflexiva a um tema, previamente proposto a cada vez. São, portanto, psicodramas públicos tematizados.

PSICODRAMA PÚBLICO: PARA QUÊ?

Assim como “todo artista tem que ir aonde o povo está”, há uma aspiração da sociatria para contribuir com a sociedade e suas dinâmicas nos espaços onde (*locus*) e nos modos como (*status nascendi*) as questões aparecem e os movimentos acontecem. Pensamos ser esta a grande ambição também deste projeto, embora ainda muito incipiente. De toda forma, representa uma abertura para além das populações de clientes e alunos de psicodrama.

Um psicodrama público pode ser proposto em função de vários objetivos:

a) **divulgação do psicodrama:** oferecer a oportunidade de pessoas interessadas ou curiosas vivenciarem um ato psicodramático sem necessariamente o fazerem como alunos ou clientes.

b) **exercício de espontaneidade e criação:** não só para quem coordena, como para a plateia, e esta é já uma conquista para os participantes, tanto mais valiosa quanto menos seja presente em suas vidas.

c) **pesquisa do coconsciente e inconsciente em relação a determinado tema:** propicia “um contexto de investigação, oferecendo um espaço para manifestação de diversidades, de dúvidas, de posicionamentos, de compartilhamento e transformações, de elaboração de conflitos suscitados pelo tema pré-estabelecido ou surgido no desenvolvimento do mesmo” (Falivene Alves, 2010: p.134).

d) **catarses, compartilhamento, congraçamento, diversão:** favorecer o aspecto lúdico, a troca, a descoberta de afinidades, o alívio por perceber-se vivenciando dificuldades que outros também vivenciam, ou, ao menos, compreendem; propiciar o encontro, fortalecer o sentimento de pertencer a uma comunidade, uma cultura, um povo.

e) **apresentação de uma modalidade psicodramática ou de um modelo de direção:** proporcionar a psicodramatistas a oportunidade de apresentarem seus formatos de direção, suas criações e novidades metodológicas.

f) **aprendizagem:** muito útil para psicodramatistas em formação, como complemento do oferecido em seus cursos. Uma prática interessante tem sido incluir alunos, constituindo, com direção de psicodramatistas mais experientes, uma equipe de egos-auxiliares.

g) **exercício de cidadania:** reunir um grupo de pessoas em torno de um tema de interesse comum já pode ser considerado um ato sociopolítico, com possibilidade de desdobramentos. Mas, reunir este mesmo grupo para uma ação dramática sob um tema é, além de compreender, mapear o problema, buscar alternativas de saídas para o conflito social. Tomando a reunião das intersubjetividades como a força revolucionária grupal, e esta maior que a soma das partes, é possível ver num psicodrama público um instrumento de diagnóstico e intervenção simultâneos.

Acreditamos que todas estas finalidades, umas vezes mais, outras menos, puderam ser contempladas nestes quinze meses de “Jornal Vivo – Teatro da Vida”. Muitos temas já foram abordados, com êxitos diversos.

Às vezes, o diretor e sua equipe escolhem assuntos mais psicossociológicos; outras vezes, a dinâmica se inverte e o sociopsicológico predomina. A

frequência média tem sido entre 25-35 participantes, com presença significativa de cidadãos que não conhecem ou pouco sabem do psicodrama.

Como parte da comemoração de um ano do projeto, em fevereiro de 2011, convidamos o Grupo *Improvise* para coordenar o psicodrama público com o tema: *“O primeiro ano de bons projetos – manter ou transformar o que está funcionando, sob a direção de Rosane Rodrigues. Do registro retorno que recebemos do grupo Improvise salientamos essas palavras: “Estiveram conosco, coconstruindo histórias, professores, psicólogos, jornalistas, psicodramatistas e futuros psicodramatistas. Pessoas que saíram de suas atividades para refletir, dar voz e movimento para seus projetos, respeitando os momentos em que eles se encontram. No cotidiano das cenas contadas encontramos a riqueza, a profundidade e a leveza naquilo que muitas vezes consideramos pequenos projetos. Simples projetos passados, tão presentes no presente e que certamente farão diferença no futuro, afinal é tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho por mais que pense estar. No trabalho vivemos saudade, simplicidade, transformação e movimento. A festa só poderia terminar com bolo e parabéns.*

Em síntese, consideramos o psicodrama público uma ação sociátrica, um convite ao público para um ato que estará alicerçado na vontade e liberdade do grupo presente – mesmo se tendo um tema previamente determinado. Sua força motriz é a reunião das intersubjetividades capazes de construir saídas e alternativas espontâneas e criativas para questões coletivas e singulares - um ato de cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CEPEDA, N. A e MARTIN, M. A. F. *Masp 1970 - O Psicodrama*. São Paulo: Ágora, 2010.

CESARINO, A. C. *Brasil 70: psicodrama antes e depois*. In: **Grupos: a proposta do psicodrama**, organizado por Castello de Almeida, W. São Paulo: Ágora, 1999.

FALIVENE ALVES, L. *Processamento, comentários, reflexões*. In: **Sociodrama, um método, diferentes procedimentos**, organizado por Marra, M.M. e Fleury, H. J. São Paulo: Ágora, 2010.

MOTTA, J. M. (org.). *Psicodrama brasileiro: história e memórias*. São Paulo: Ágora, 2008.

Universidad Autonoma de Mexico. *Escenas de los Pueblos-Primero sociodrama publico y simultaneo de America Latina*. Mexico: Centro de Investigaciones Interdisciplinares em Ciencias y Humanidades, 2004.

Endereço:
Júlia Motta
 Rua Rosa de Gusmão, 307
 Jardim Guanabara
 CEP 13073-141, Campinas - SP
 Tel: (19) 3242-8461
e-mail: juliacmotta@gmail.com

Maria Ester Esteves
Rua Anhandeara, 275
Chácara da Barra, Campinas - SP
Tel: (19) 3251-3343
e-mail: estm.esteves@ibest.com.br

Luís Falivene Alves
Rua Guilherme da Silva, 396
CEP 13025-070, Campinas - SP
e-mail: falivenealves@uol.com.br